

Debate reúne só cineastas e fica nisso

OTAVIO VERISSIMO

Definitivamente a crise do cinema brasileiro nos anos 80 e, notadamente, os problemas da produção cinematográfica estão longe de despertar o interesse do grande público. Pelo menos foi o que se viu durante o primeiro dia de debates que ocorrem paralelamente ao 21º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, e que estão sendo realizados na sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional.

Para discutir a política de cinema no Brasil — englobando os aspectos da Lei Sarney, papel do Estado e custos de produção — a organização do festival reuniu os cineastas

Geraldo Moraes, Mônica Smith, Wagner Carvalho e Pedro Jorge de Castro.

Quando os debatedores se deram por conta de que um grande público não apareceria, teve início o trabalho de arrebanhar as poucas pessoas que tinham ido ao Teatro Nacional. Com a disposição de quem já está acostumado a muitas lutas para conseguir produzir os seus filmes, os cineastas/debatedores repetiam a cada instante: “E, parece que o cafezinho lá fora está mais animado”! ou “O melhor seria trazermos a Xuxa para cá, porque nós aqui estamos muito mais para Baixo-Astral”.

POSICIONAMENTO

Tal qual nos momentos que antecedem a encenação de uma peça, a discussão não começou sem que antes houvesse as tradicionais chamadas. Só que nesta ocasião elas não foram feitas através de um rápido e discreto apagar de luzes, mas por meio do apelo direto dos debatedores. Finalmente, com significativo atraso, teve início o tão esperado debate, com uma platéia de 14 pessoas.

Sem demonstrar constrangimento, Geraldo Moraes foi logo anunciando que a ocasião não seria utilizada para repetir a antiga cantilena sobre os males da Embrafilme. “É muito mais do que isto, é uma ocasião para tentarmos definir em que pé estamos”, disse.

“É vital buscarmos uma resposta a como sobreviver na atual situação”.

Convidou os demais cineastas presentes ao debate a relatarem suas experiências recentes no campo da produção cinematográfica.

“Os instrumentos da anterior política oficial de cinema sofreram alterações que não nos entusiasma”, disse.

“Não podemos contar com o que havia antes e também não temos novos instrumentos. Assim, nos parece óbvio que nossa relação com o Estado deva seguir uma tática de atacar no varejo”.

Para ele é preciso lutar para que, pelo menos o Concine continue a fiscalizar corretamente; que a reserva de mercado para produção cinematográfica seja mantida; e para que haja um barateamento dos custos de produção: “Temos que fazer um trabalho não no sentido de esperarmos uma atitude imediata do Governo, mas na esperança de que o mínimo de estrutura que restou não seja desmontado”.

Geraldo Moraes também defendeu a incrementação do intercâmbio entre os produtores cinematográficos dos vários Estados e uma instrumentalização para o fazer, o que possibilitaria a redução dos custos: “Ao invés de se conseguir o apoio do Estado para alugar uma sala de montagem, que se consiga verbas para a aquisição de uma moviola e que isto possibilite o acesso de mais pessoas ao fazer cinematográfico”.

Sugeriu que o trabalho de buscar meios para financiar a produção passasse a ser feito em conjunto, sob a forma de pacote cultural.

Para o autor de *A Díficil Viagem*, a saída para a crise que o cinema atravessa hoje está num processo oposto ao de descentralização: “As alternativas só surgirão dos pólos da periferia, porque o centro não renova. Basta traçar um paralelo com a questão da temática e da dramaturgia, para entendermos que o que temos hoje é um cinema viciado em Embrafilme e que perdeu o vínculo com o País real — o chamado cinemão”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.

“É preciso redescobrir o País e o cinema nacional, acabando com toda essa mediocridade”, defende Geraldo Moraes. “Quando digo que as alternativas só surgirão dos pólos da periferia, não se trata de uma questão meramente provinciana. Hoje convivemos com a realidade de dois países, um oficial e outro real”.